

Vida Sobre Rodas

Existe vida sobre uma cadeira de rodas

Alessandro R. Fernandes

Introdução	7
Prólogo	11
Primeiras rodas.....	13
Últimos passos	22
O Acidente.....	27
A cirurgia	36
Hospital Sarah.....	44
Família e amigos	48
De repente, deficiente	71
Mudanças	78
Cadeira de Rodas	85
O <i>Blog</i>	93
Acessibilidade.....	109
Estudo	125
Trabalho	130
Transporte	159
Saúde	173

Lazer	187
Esportes.....	291
Sexo e relacionamento.....	327
Vida Sobre Rodas	353

À minha família.

Vida Sobre Rodas, por Alessandro R. Fernandes

Introdução

Desde a invenção da roda, a humanidade não vive sem ela. Se pararmos para pensar, passamos a vida inteira sobre rodas. Alguns passam mais tempo, outros menos, mas inevitavelmente nos deparamos com elas em diversas situações todos os dias.

Quando bebês, desde as primeiras vezes que saímos de casa, são geralmente os carrinhos que nos levam para todo lado. Os primeiros contatos que temos com o mundo são feitos em carrinhos de bebês. Com o tempo, nossos pais os trocam por triciclos ou carrinhos com aquelas hastes de empurrar.

Mal aprendemos a falar e já começam os incessantes pedidos por carrinhos de ferro ou de plástico, ou o carrinho para levar a bonequinha. Um pouco mais crescidinhos, logo após dar os primeiros passos, nos interessamos por triciclos a pedal, conhecidos antigamente como “velotrol”. Se bem que hoje em dia a meninada quer é triciclo ou carro elétrico. Esse é o começo para adultos sedentários...

Depois disso, pedimos ansiosamente ao Papai Noel a primeira bicicleta, que chega com rodinhas. Aprendemos a pedalar

e percebemos aí um dos maiores benefícios da roda: a liberdade! Alguns meses depois, pedimos ao pai para tirar as rodinhas, pois já somos bem “crescidinhos” e conseguimos, enfim, nos equilibrar sobre duas rodas. Aí começam a aparecer outros objetos sobre rodas que prometem diversão, como carrinhos de rolimã, patinetes, skates, patins e outros.

No fim da adolescência vislumbramos, finalmente, a primeira moto ou o primeiro carro. O carro já se mostra uma paixão desde pequenos, pois crescemos vendo nossos pais dirigindo, e ficamos ansiosos para estar ao volante.

Ao fim da faculdade vamos em busca do primeiro emprego e, ao conseguir, adivinha onde nos sentamos? Em cadeiras de escritório que, em sua maioria, têm rodinhas. Passamos de cadeira em cadeira até chegar à almejada cadeira da gerência, da diretoria ou da presidência. Todas elas com rodas, que se vão se sofisticando à medida em que se sobe de cargo.

A idade adulta nos permite adquirir outros brinquedinhos sobre rodas, como carros esportivos, jipes, motos potentes, triciclos, quadriciclos, bicicletas de *mountain bike* ou ciclismo, e uma infinidade de opções para andarmos em mais lugares e mais rápido sobre rodas.

Com o avançar da idade, começam as idas ao hospital, cirurgias, exames, etc., sempre em cima de macas que possuem rodas e te deslocam de aparelho em aparelho para os procedimentos. Nesse momento, não é raro aparecer a temida cadeira de rodas, que muita gente tem pavor e se recusa a utilizar.

Mas, afinal, por que esse medo? Ela não passa de uma cadeira com... rodas! Parecidas com aquelas do escritório, mas ainda mais úteis, pois te levam para todo lado! O problema é que as pessoas não conseguem aceitar o fato de ficarem “presas” a uma cadeira de rodas para o resto da vida. Mas quem disse que a cadeira te prende? Muito pelo contrário, ela te liberta! Para quem sofre um acidente, uma lesão na coluna ou uma doença que o incapacita de andar, a cadeira de rodas possibilita rodar para todo lado ao invés de ficar em uma cama. A cama, sim, prende a pessoa, seja dentro de casa ou dentro de um hospital. Mas a cadeira liberta! Permite alcançar quase todos os lugares que uma pessoa que pode andar consegue alcançar.

No fim das contas, o que se conclui é que, com doença ou sem doença, com lesão ou sem lesão, passamos grande parte da vida sobre rodas. Portanto, nada melhor que tornar essa convivência com as rodas a melhor possível, seja em cima de uma

bicicleta, de um carro, de um triciclo ou até de uma cadeira de rodas.

Prólogo

Floresta, bairro afastado de Juiz de Fora, Minas Gerais, final dos anos 70. O menino de pouco mais de cinco anos insiste com a avó:

- Deixa eu ir lá fora!
- Está tarde, não tem luz no quintal, só tem mato lá.
- Ah, mas eu quero ir lá fora!
- Não pode não, menino. Lá fora tem bicho papão.
- Eu quero ver o bicho papão!!

Essa postura destemida e curiosa transformou o menino em um aventureiro, o levou a muitas emoções, mas quase lhe tirou a vida, deixando-o em uma cadeira de rodas. Felizmente, o menino desenvolveu outras qualidades como bom humor e otimismo para que continuasse a viver como sempre viveu: feliz!

O nome do menino: Alessandro. Mas acabou ficando conhecido como Sam, apelido dado por seu pai para encurtar o belo nome de origem italiana. E neste livro, contarei algumas das minhas aventuras antes e depois da cadeira de rodas.

Vida Sobre Rodas, por Alessandro R. Fernandes

Primeiras rodas

Aos seis anos de idade, ganhei minha primeira bicicleta como presente de aniversário. Na época, eu morava em Belo Horizonte, em um prédio na Rua Viçosa (cidade que, coincidentemente, morei anos depois) que tinha uma grande área externa no térreo. Junto com a bicicleta, ganhei também um uniforme da SWAT que, na época, era o tema de um seriado que a garotada adorava assistir. Desci todo empolgado para a área externa do prédio devidamente paramentado com o uniforme e meu pai desceu com a bicicleta, brilhando de tão nova. Como ela veio com rodinhas, montei na bichinha e já saí pedalando. E adorei a diversão! Pedalava horas sem parar, rodando em volta do prédio. Lembro que deixaram uma vassoura no chão e eu passava correndo por cima dela, imaginando que era uma rampa. E então eu saltava longe! Imaginação de criança é uma coisa muito fértil.

A biciletinha veio com algumas chaves e, como eu era muito curioso (um verdadeiro “fuçador”), aprendi rapidinho a desmontar algumas peças. O freio foi um dos primeiros que consegui alterar, afrouxando a pastilha - o que fez falta em uma curva, onde levei meu primeiro tombo. Machuquei o braço e corri para a mamãe, que nem suspeitava quantas (milhares de) vezes esta

cena se repetiria. Em pouco tempo, achei que já estava crescidinho e preparado para novas aventuras. Desmontei eu mesmo as rodinhas para aprender a pedalar sem rodinhas. Quando meu pai descobriu que a bicicleta estava sem as rodinhas, eu já estava na décima tentativa e, provavelmente, no quinquagésimo tombo. Foram dezenas de tombos até conseguir me equilibrar em duas rodas. O estoque de curativos da minha mãe acabava rapidinho.

Algum tempo depois, nos mudamos para Ouro Branco, no interior de Minas, e aí descobri o que faltava na minha bicicleta: espaço para pedalar. Descobri também o que ela fazia melhor: manobras! Como era um menino sem medo, já comecei a inventar mil e umas na minha segunda bicicleta, uma daquelas dobráveis com garupa. Comecei descendo a rua sem as mãos no guidom, depois passei a descer de pé em cima da garupa (quanta falta de juízo). E haja curativo para cobrir os machucados! Numa dessas descidas malucas, perdi o controle e acertei o pedal na cabeça da minha irmã, que brincava sentada na calçada. Até hoje ela tem a cicatriz na testa, presentinho do irmão mais velho...

A paixão pelas duas rodas foi crescendo e, nos anos 80, descobri o bicicross, febre entre a criançada da época. Aprendi a empinar, a saltar, a correr (muito) e resolvi investir no esporte. Com total apoio da família e “paitrocínio”, ganhava bicicletas cada

vez melhores e, como não saía de cima delas, me tornei imbatível na minha faixa etária. Os campeonatos eram muito organizados. Havia várias etapas com premiação de medalhas para os três primeiros lugares, contagem de pontos e entrega de troféus no fim do ano para os campeões de cada categoria. O evento de premiação era realizado no principal clube da cidade, o que tornava o campeonato muito disputado, todo mundo queria subir ao palco para receber o troféu de alguma personalidade da cidade.

Mas para mim, já estava perdendo a graça. Ganhava todas as etapas, até que surgiu um “intruso” no campeonato ouro-branquense; um garoto de Belo Horizonte com o estranho apelido de “Mosquitinho”, pois era baixinho e corria muito. Tinha também uma bicicleta mais leve, e virou meu grande rival. Não consegui manter a regularidade e amarguei meu primeiro vice-campeonato. No ano seguinte ele não competiu, mas como não havia outros garotos da mesma idade para competir comigo, fui “promovido” à categoria superior. E, naquele ano, fiquei em terceiro lugar, perdendo para meninos mais velhos e mais fortes que eu. Isso não me abalava, eu só queria saber de curtir as corridas, e o que eu mais gostava era de fazer manobras.

Vivia empinando, saltando, me equilibrando sobre a bicicleta. Tanto que tinha uma legião de fãs. Onde quer que eu

fosse, logo alguns moleques pediam para eu fazer uma manobra, saltar sobre alguma coisa, ou sobre eles mesmos! Uma das manobras que eu me destacava era o “*advance*”, saltar sobre algum obstáculo sem rampa, apenas puxando a bicicleta para cima com o corpo. Como tenho pernas longas, conseguia uma altura e distância consideráveis. Sempre que pediam, eu enfileirava três ou quatro meninos no chão, pegava distância, pedalava forte e ao chegar perto saltava por cima deles! Em um desses saltos tentei bater o recorde de crianças com seis meninos deitados, e teria dado certo, se o último da fila não resolvesse levantar em cima da hora, tomando uma “pedalada” na cabeça. Mais um que levou uma marca minha para a posteridade... E eu, mais um tombo pro currículo. Pior que ainda briguei com ele depois! Não lembro quem foi, mas saiba que sinto muito!

Nas corridas, eu usava todos os equipamentos necessários; luvas, capacetes, e até calça com caneleira, mas ao fazer as manobras na rua ou na pista, eu raramente usava mais do que uma camiseta e um “short”. Em consequência, a quantidade de machucados e arranhões com que eu aparecia toda semana só crescia. E como eu não tinha medo de nada, tentava novos truques todo dia, muitos deles em velocidade, e cada vez mais a gravidade dos acidentes aumentava.

Num desses, eu me ralei tanto que peguei o apelido de “lepra” na escola. Lembro como se fosse hoje! Eu estava descendo um morro e fazia uma manobra chamada “esquiar”, onde se colocava os pés em apoios laterais que ficavam aparafusados nas rodas traseiras, soltava as mãos e imitava o movimento de um esquiador na neve. Vi uma menina passando na calçada e fiquei olhando, torcendo para ela ver minha exibição, mas quando olhei para frente havia uma boca de lobo (bueiro) em relevo e, como a roda dianteira ficava leve nessa posição, foi bater e empinar. Como não estava segurando o guidom, fui direto para o chão, desci uns cinco metros me arrastando no asfalto. Me ralei todo! A menina chegou perto, eu lá todo enroscado na bicicleta, e perguntou: “Machucou?” Eu sorri com medo de estar faltando algum dente e respondi “Só um pouquinho...” Tinha que manter a pose!

Mas o interessante é que eu jamais havia quebrado um único osso apesar de tantas quedas, cada vez mais violentas. A explicação era simples: muito leite todo dia. Muito mesmo. Em Ouro Branco ainda passava charrete de leiteiro todos os dias, o fazendeiro gritando pelas ruas “Olha o leite, olha o leite! Quem vai querer o leite?” e minha mãe comprava quatro litros diários, dois para mim e dois para o resto da família. Sem brincadeira! Eu tomava leite até depois do almoço. E complementava com meio

quilo de nata, que ficava por cima do leite após ferver, e eu comia purinha. É meio nojento, eu sei, mas eu gostava.

Isso me garantiu uma calcificação fora do comum, e garantiu que meus ossos ficassem intactos até a vida adulta. E olha que eu tentei muitas vezes quebrar alguns ossos, pois graças à minha falta de medo e desejo por adrenalina, levei belos tombos e capotes homéricos. Em alguns deles, quem presenciou ficou fazendo a conta de quanto gesso seria necessário para reparar os estragos. E eu sempre levantava todo ralado e cheio de dor, mas escapava ileso das sessões de raio X. Esse deve ter sido o exame que mais fiz na vida e, felizmente, o que acusou menos problemas.

Fui crescendo e as bicicletas cresceram junto comigo. Quando passei no vestibular aos dezoito anos em uma universidade federal, pedi de presente para meu pai uma *mountain bike*. Era início dos anos noventa, e a febre do ciclismo de montanha estava ainda engatinhando no Brasil. Havia poucos modelos da Caloi, outros da Monark, e o resto eram importadas. Fui escolher minha bicicleta com meu pai e, entre alguns modelos de marcas conhecidas, percebi uma tal de Cyclestar, que estava com um preço mais em conta. Ganhei assim minha primeira *bike* de gente grande, afinal, já estava ridículo eu com quase dois metros andando em bicicleta de *cross* aro vinte.

Com a aquisição da bike, continuei na carreira de ciclista. Em Viçosa - cidade do interior de Minas onde fui estudar - conheci outros apaixonados pelas duas rodas e passei a *fazer trilha*, o que se tornou um dos maiores prazeres da minha vida. Adorava pegar a bicicleta de manhã, sair pedalando no meio do mato, fazer exercício e sentir a adrenalina de descer a montanha desviando de obstáculos, fazendo saltos e derrapando em curvas. Além da interação com a natureza e o ar puro, o exercício aeróbico me fazia um bem danado. E ainda tinha o bônus da adrenalina!

Além das *bikes*, minha outra paixão sobre rodas sempre foram os carros. Prestei o primeiro exame para tirar carteira de motorista aos dezoito anos e sete dias. Não passei, pois não tinha estudado muito o danado do livrinho e, na minha época, a prova era oral. Três meses depois, teve outra banca na minha cidade e tirei a esperada carteira. A partir daí, sempre dirigia os carros dos meus pais e a paixão só aumentava. Mas faltava meu carro próprio.

No ano em que iria me formar fui contratado pela empresa onde fazia estágio e comecei a juntar dinheiro. Poucos meses antes da formatura, assim que finalizei a última matéria letiva e entrei de férias do estágio, passei a grana que tinha juntado para meu pai e pedi para ele escolher um bom carro para mim. Minha preferência era por um Fiat Uno.

Na semana seguinte, como já era véspera de carnaval, viajei com amigos para a praia de Piúma, no Espírito Santo, usando o carro da minha mãe. Ao voltar para casa, avisei minha mãe que estava chegando e ela já estava me esperando na porta da garagem. Entrei com o carro dela e vi um Uno 1.5R amarelo, um dos esportivos mais desejados da época, na vaga de um vizinho. Na hora soube que era o meu! Minha mãe entregou a chave e eu mal podia acreditar que aquele carro era meu mesmo! Fiquei embasbacado e extremamente feliz! Era um sonho já iniciar no mundo dos automóveis com um carro esportivo. Não era lá um “super esportivo”, mas, pra época, estava bom demais!

A partir daí, vivi muitas aventuras a bordo do Uno 1.5 *Egg*, como foi carinhosamente apelidado, por ser amarelinho como uma gema de ovo. O problema é que ele era o único Uno amarelo da cidade, e acabava me denunciando. Não era raro uma namorada “descobrir” que eu tinha saído da casa dela direto para um boteco, pois alguém havia visto um Uno amarelo bem em frente...

Depois do Uno *Egg* tive outro Uno, que era vermelho, puxado para vinho, com o qual curti bastante também. E aí veio meu primeiro carro zero, um Palio 1.0 “pé de boi”, que me rendeu muita farra e viagens épicas. Era este carro que eu tinha em 2006, quando sofri o acidente de moto. Como não era automático, não

valia a pena adaptar, e eu não conseguiria dirigir. A solução foi vender, e fiz um “negócio da China”: vendi para minha mãe. O carro que comprei em seguida, que me permitiu voltar a dirigir, eu conto no capítulo dedicado à aquisição do carro como cadeirante, que foi uma verdadeira novela.

Últimos passos

O ano era 2006. Eu estava cursando o primeiro semestre do Mestrado em Finanças na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Sempre quis morar na praia e, por influência dos meus irmãos que já faziam Mestrado naquela universidade, prestei os exames e passei. A primeira coisa que fiz ao me mudar para lá foi me inscrever em um grupo de uma rede social chamado “eu moro onde você passa férias”, só para zoar com os amigos. Eu tinha aula às terças, quartas e quintas pela manhã. Então, meu fim de semana começava na quinta-feira ao meio-dia. Costumava mandar mensagens aos meus amigos nesse momento contando sobre o início do fim de semana, e que estava indo para a praia. Recebia muitos palavrões como resposta...

Obviamente levei minha bicicleta para Floripa, na época uma Caloi SK Pro com suspensão traseira e dianteira, freios a disco, quadro e peças em alumínio, que eu chamava carinhosamente de Karol. Super Karol, para compor a sigla do modelo. Antes dela tive outra Caloi SK, que ganhou o apelido de Sheila Karvalho, em homenagem à dançarina de axé. Anos depois, vendi a Sheila para o Colá, amigo da época de Viçosa, que a tratou muito bem e usufruiu por muitos anos. Apesar de nacionais, essas

bikes aguentavam bem o tranco, e olha que eu era bem radical nas trilhas. Imaginem quase noventa quilos descendo montanha sem dó!

Em Floripa conheci uma turma que se encontrava para fazer trilhas aos sábados e logo me juntei a eles. No primeiro “*down hill*”, os outros ciclistas, que tinham *bikes* importadas, tiraram uma onda ao ver minha Caloizinha, se gabando que participavam de competições, e eu fiquei quieto. Logo que saímos, mesmo sem conhecer a trilha, desci a toda velocidade na frente deles. Esperei lá embaixo mais de um minuto para um trecho de pouco mais de três quilômetros, o que é muita coisa. Ganhei o respeito da galera.

Enfim, chegaram as primeiras férias. Combinei com um amigo que pegaria uma carona e preparei a viagem para Belo Horizonte para ver a família e os amigos. Chegando à casa dos meus pais depois de uma viagem cansativa de dois dias, eu só queria relaxar. Mas, no primeiro final de semana, já tinha um casamento de um amigo em uma cidade do interior, perto de Viçosa. Eu estava em contato com uma ex-namorada que morava em Viçosa, mas não queria encontrá-la por enquanto. Fui solteiro para o enforcamento, ou melhor, casamento, totalmente mal intencionado. O noivo conseguiu um apartamento para o pessoal ficar, e o pessoal chegava, colocava a mochila no apartamento e ia

para um boteco da cidade. Enchemos o boteco e fizemos uma festa.

Na hora do casamento, uma sacanagem com os noivos. O pessoal comprou dois sacos de arroz de cinco quilos para despejar em cima deles na saída da igreja. Como tinha bastante gente, cada um pegou dois copos de plástico e encheu de arroz. Ao final da cerimônia, alguns parentes do noivo distribuíaam os saquinhos de arroz, sem saber do nosso plano. Quando os noivos saíram da igreja, foi uma tempestade de arroz!!! Mal dava para vê-los! Fecharam os olhos e saíram cuspidando o arroz que entrava por tudo quanto é canto, enquanto tentavam chegar ao carro. Foi uma cena hilária! Devem ter passado a lua de mel toda catando arroz...

Voltei para Belo Horizonte e, na semana seguinte, eu precisava buscar o carro do meu pai na casa do meu irmão em Juiz de Fora. Meu primo Lucas estava em nossa casa, então pegamos um ônibus para lá. Na viagem conversamos muito e contamos altas histórias e, de repente, os outros passageiros começaram a interagir com a gente dando opiniões no nosso papo. Foi muito divertida a viagem.

Fiquei alguns dias na casa do meu irmão e, como ainda estava em contato com minha ex-namorada que morava em Viçosa, combinei de passar por lá na volta para Belo Horizonte no

fim de semana seguinte. Era uma volta enorme, praticamente outra viagem, mas em nome dos velhos tempos, resolvi encarar. Ela queria que eu fosse no sábado para termos mais tempo, mas a tentação de ficar em Juiz de Fora era grande. Fazia um bom tempo que eu não ia à melhor boate da cidade, então arrumei uma desculpa dizendo que estava cansado para pegar estrada e assim poder ficar por lá, e ir para Viçosa só no domingo.

Eu, meu irmão e meu primo fomos para a boate à noite. Como meu primo conhecia muita gente, não demorou para que eu me interessasse por alguém. Papo vai, papo vem e fiquei com uma menina. Curtimos bastante e meu irmão foi embora com meu primo. Lá pelas quatro da manhã, saí com a garota. Fiquei com ela até seis e fui deixá-la em casa. Saíndo de lá, fui para a casa do meu irmão para descansar um pouco. Só que eu havia combinado de almoçar em Viçosa com a ex-namorada, e a viagem durava em torno de duas horas e meia. Dormi pouco mais de três horas e peguei a estrada. Quanta falta de juízo!

Cheguei a Viçosa e a ex-namorada me recebeu toda carinhosa, com um belo almoço. Tinha preparado um prato que eu sempre gostei: carne de panela com cerveja preta e batatas. Tentei disfarçar o cansaço e almoçamos conversando sobre os acontecimentos enquanto estivemos separados e, inevitavelmente,

tocamos no assunto do nosso relacionamento desfeito. Ela já mostrava indícios de que queria reatar, mas me mantive saindo pela tangente. Acabamos de almoçar e aconteceu o inevitável “*flashback*”: ficamos juntos como nos velhos tempos. Dormimos um pouco (ainda bem, pois eu estava morto) e, mais tarde, resolvemos sair para jantar. Nesse momento, percebi o quanto ela gostava de mim e o quanto eu estava sendo sacana. Dei a entender que não daria para voltarmos, pois em uma semana eu voltaria para Florianópolis. Mesmo assim, dormi na casa dela.

O Acidente

No dia seguinte, 24 de julho de 2006, ela saiu para trabalhar e eu fiquei dormindo. Minha ideia era ir embora depois do almoço, mas por volta das onze horas, ela chegou em casa cuspiendo marimbondo e dizendo que não adiantava investir em mim, que eu não prestava mesmo. Sem entender muito bem, eu a lembrei que não havia prometido nada e que não estávamos juntos. Aí ela explicou que entrou na minha página de uma rede social e viu o recado de uma mulher dizendo: “bom restinho de domingo”. Só me restou juntar as coisas e ir embora.

Saindo de Viçosa, passei em frente à loja de um amigo que tinha comprado uma moto nova, parei e pedi para dar uma volta. Fui até a universidade, que estava em férias, aproveitei o pouco movimento e fui até um dos trechos mais tranquilos, perto da Funarbe. Dei a volta e sai acelerando com tudo na parte conhecida como “reta da Agrícola”. Nisso, um trator saiu de uma fazenda experimental e atravessou bem na minha frente. Na frenagem, perdi o controle da moto e ela me lançou violentamente para o alto. Voei e bati com a cabeça no chão, escorregando até perto do trator. Se não fosse o capacete, eu não estaria aqui para contar a história! O peso do meu corpo sobre a cabeça explodiu minha

vértebra T2, quebrando ainda a T3. Tive escoriações por todo o corpo, machucando bastante a mão esquerda e o tornozelo. A pancada lesou parcialmente minha medula no nível C8-T2, causando tetraplegia, perda dos movimentos e sensibilidade dos mamilos para baixo.

Ao final da queda, fiquei deitado com as costas no asfalto. Apesar da enorme pancada na cabeça, não perdi os sentidos em momento algum. Vi a moto derrapando, me jogando para cima, meu corpo virando no ar, batendo forte no chão e ralando mais alguns metros pelo asfalto. E ainda senti aquele cheirinho de hambúrguer queimado no ar...

A primeira coisa que fiz foi tentar tirar o capacete para avaliar o estrago. Assim que coloquei as mãos nele, senti o sangue jorrando da mão esquerda, que veio direto na minha cara. Consegui tirar o capacete e vi que minha mão estava aberta na parte de cima, dava pra ver até os ossos. Aí tentei me levantar e não consegui. Tentei mais uma vez e nada. Um cara que estava por perto e presenciou a cena se aproximou, pegou minha mão e disse que ia me ajudar a levantar. Felizmente nesse momento percebi que não estava sentindo as pernas e soltei a mão dele, pedindo para chamar uma ambulância ou os bombeiros da universidade. Isso foi importante para não piorar meu quadro. Se eu tivesse

aceitado a ajuda para levantar, poderia acabar de lesar a medula, e assim rompê-la completamente. Nesse meio tempo, percebi que tinha ralado braços e pernas, principalmente meu calcanhar direito, que ficou em carne viva.

Chamaram os bombeiros, que chegaram em menos de dez minutos (a base deles na UFV é próxima ao local). Colocaram um colete cervical em mim e me passaram para a maca do jeito certo, levando o corpo todo de uma vez. Levaram-me para a ambulância e já iniciaram medicação para dor. Na verdade, eu estava sentindo muito pouca dor, mais forte era só na mão mesmo. O local em que a vértebra quebrou não doía, pois a medula havia sido esmagada, sentia apenas uma sensação de choque. Pedi aos bombeiros para avisarem à minha ex-namorada, que trabalhava a alguns metros dali.

Fui levado então para o Hospital São João Batista, onde eu já havia estado algumas vezes. Lá fizeram os primeiros atendimentos, as primeiras “costuras”, limpavam as escoriações (até que não eram muitas) e me encheram de remédios. Eram medicamentos para diminuir a dor, anti-inflamatórios e um sossega leão que me deixou meio grogue.

O primeiro médico que me atendeu fez as perguntas básicas: quem eu era, o que eu estava sentindo, onde estava

sentindo, onde conseguia movimentar e onde tinha mais dor. Respondi que não estava sentindo nada do peito para baixo, e que só tinha dor no meio das costas e na mão, onde havia um grande machucado. Pela cara de preocupação do médico percebi então que a coisa era séria, e as sequelas seriam muitas.

Levaram-me então para a máquina de raio-X para avaliar o tamanho do estrago. Com muito cuidado, os técnicos e enfermeiros me colocaram naquela mesa de metal “confortável” do raio-X e fizeram as chapas necessárias. E o resultado não foi diferente do esperado; eu havia quebrado a coluna.

De volta à sala da emergência, o médico que me atendeu veio contar as novidades. Em primeiro lugar, disse ele, você está todo ferrado. Brincadeira, ele falou em outras palavras, mas o que eu entendi foi isso mesmo. Ele disse que eu havia quebrado uma vértebra e lesionado a medula, por isso não conseguia mexer nem sentir as pernas. “Tá doutor, mas tem solução?” perguntei. Ele explicou que eu teria que passar por uma cirurgia muito complicada, para começo de conversa, e então os médicos poderiam avaliar minhas chances de voltar a andar e quais seriam as sequelas definitivas. Essas últimas palavras foram as que mais me assustaram. Quando perguntei quem faria a cirurgia, disseram

que em Viçosa não teriam médicos especializados naquele tipo de lesão e que eu teria que ser transferido para Belo Horizonte.

Nisso, chegaram a minha ex-namorada e o dono da moto. Pedi a ela para ligar para meus pais e contar as “más novas”, sem alarmá-los muito, pois eu estava bem. Ela explicou que eu tinha sofrido o acidente de moto e que estava sendo atendido, mas não sabia a gravidade dos machucados. Pedi ao dono da moto para guardar o carro do meu pai até alguém poder buscá-lo. Um funcionário do hospital veio com mais uma má notícia: não tinha ambulância disponível para me levar.

Felizmente, o coordenador da fazenda experimental de café de onde saiu o trator que causou meu acidente era meu amigo, fizemos pós-graduação juntos. Na época, ele era secretário de agricultura da Prefeitura de Viçosa e também vereador da cidade, então conseguiu uma ambulância para me levar para BH.

No hospital, iniciaram os preparativos para a minha transferência. Minha ex-namorada se prontificou a ir comigo e saímos perto da meia-noite. A viagem foi tensa. Eu sentia dores, mas estava mesmo era preocupado com a falta de resposta do meu corpo. Não consegui dormir. Fiquei pensando no tamanho da besteira que tinha feito e falava para mim mesmo: “é, seu animal, desta vez você conseguiu se ferrar de verdade...”.

Chegando a BH, por volta das quatro da manhã, me levaram para o Hospital João XXIII, referência em traumatologia na cidade e uma espécie de “triagem” dos acidentados. Meus pais estavam me esperando na porta do hospital. Saí da ambulância e chorei logo que os vi. Não esqueço o semblante deles ao me verem na maca, machucado e sem movimentos. Estavam muito preocupados, mas tentando não passar para mim o desespero de ver um filho todo ferrado e com sequelas irreversíveis. Eles tentavam me tranquilizar: “Vai ficar tudo bem meu filho” minha mãe me dizia segurando minha mão e tentando não chorar. Mas seus olhos mareados denunciavam que já haviam passado muitas lágrimas por ali. Minha vontade na hora era pedir desculpas pelo sofrimento que eu estava causando.

Sempre fui metido a fazer esportes radicais e já havia me acidentado algumas boas vezes, mas a gente nunca imagina que pode morrer ou ficar inválido, vegetando, dando trabalho para a família para sempre.

As horas seguintes, passadas no João XXIII, foram um filme de terror. Era um alívio estar em um hospital conceituado, agradeço muito aos profissionais que me atenderam lá, mas aquele lugar é aterrorizante; vê-se muita gente estropiada, gritando e chorando o tempo todo. Vi um motoqueiro com rasgo na perna,

uma mulher recém-acidentada com a cara toda vermelha de sangue, dezenas de pessoas raladas, quebradas, machucadas. Dizem que lá é uma prova de fogo para profissionais recém-formados, e só posso concordar com isto. Depois de passar por ali, qualquer situação eles tiram de letra.

A essa altura, eu já sentia mais dor. O local da lesão dava alguns sinais de sensibilidade e parecia que tinha uma faca enfiada ali. Cada leve movimento meu gerava uma sensação de “girar” a faca. Assim que comecei a gritar de dor, deram-me anestésicos e acabei dormindo. Nisso, meus pais já estavam correndo atrás da minha transferência para outro hospital, onde eu pudesse fazer as cirurgias necessárias. Eu não aguentava mais ficar ali. Apesar de ter o melhor corpo médico em traumatologia, o clima não te deixa ficar tranquilo. O esquema lá é de enfermaria; um monte de gente junto, um pior que o outro. No João XXIII não há sossego, o movimento é dia e noite, vinte e quatro horas por dia. Muito grito, muita dor. Passei uma noite péssima, com muita dor e pouco sono.

E o que se passou pela minha cabeça? Lembro que pensei em casamento. Não porque eu estava querendo casar, mas porque aquele era um daqueles momentos que transforma completamente a vida da pessoa. E também porque eu ia me arrepender para o

resto da vida por ter deixado aquilo acontecer... (brinks) De fato eu havia me casado, mas não conhecia ainda minha nova parceira: a cadeira de rodas. Pelo menos, eu poderia trocar a “esposa” sempre que ficasse insatisfeito...

Voltando aos meus pensamentos, essa é uma das perguntas que me mais ouço. Logo no início eu fiquei triste, de verdade. Afinal, além de estragar minha vida, estava dando trabalho, preocupação e tristeza para a minha família. Isso é o que mais dói. Ainda mais quando se tem uma família incrível como a minha.

Acho que foram os dias mais tristes da minha vida. Felizmente passou rápido, logo no terceiro dia eu já estava melhor. Mas não deixei de pensar na dor que eu estava causando aos que me amavam. O que eu poderia fazer para melhorar esse quadro? Ficar para baixo não ajudaria. Desesperar-me, muito menos. Tudo que fiz então foi reagir como eu sempre reagi em todos os momentos ruins que passei na vida: positivamente. Com otimismo e bom humor. Com coragem e sabedoria. Vendo que eu estava bem, meus familiares ficariam mais tranquilos.

Quando acontece uma coisa dessas, temos que nos colocar no lugar deles. O que os faz sofrer, o que os deixa preocupados, é o que vai ser da nossa vida após uma tragédia dessa dimensão. Agindo com naturalidade, mostrando que será somente uma fase

ruim e que em breve tudo estará bem, que a vida poderá ser adaptada, a gente passa tranquilidade a todo mundo. Eu não tinha certeza disso, não conhecia nenhum cadeirante “bem sucedido”, mas sempre acreditei no meu potencial para dar a volta por cima. Nossa mente é muito poderosa! O que se alimenta nela dá frutos. E vira realidade.

A cirurgia

Voltando à minha “saga”, descolaram uma ambulância para me levar do Hospital João XXIII para o Hospital Evangélico, onde meus pais descobriram que havia bons médicos para me atender. Neste dia, percebi porque é tão importante darmos passagem para ambulâncias no trânsito: lá dentro geralmente tem alguém sofrendo muito e desesperado para chegar logo ao destino. Assim que cheguei ao hospital, fui encaminhado para a triagem enquanto preparavam um quarto para mim. Fui atendido por um médico muito gente boa, o Dr. Antônio Baroni. Ele analisou os exames que vieram dos outros hospitais e disse que o trauma tinha sido muito grave; minha vértebra havia “explodido” em vários fragmentos e seria necessário fazer uma cirurgia de artrodese (colocação de uma estrutura de metal no lugar da vértebra) para a fixação da coluna.

A primeira pergunta que consegui fazer deve ser a primeira que passa pela cabeça de todo mundo que sofre uma lesão dessas: vou voltar a andar? Ele foi realista, porém não tão radical como alguns médicos costumam ser: “a probabilidade é ínfima”. Mas não disse que seria impossível. Disse que a conexão entre o cérebro e o corpo havia sido interrompida, mas o corpo está